

## DA FILOSOFIA E DO SEU MÉTODO-I

Gilvan Fogel  
UFRJ

**1.** Tem sentido Filosofia hoje, no século XX? Quando li-ouvi esta pergunta, a imediata consideração que me veio foi também uma pergunta — esta minha, porém, dirigida à que me fizeram. Perguntei-me, então: de *onde vem* esta pergunta? O propósito era, evidentemente, detectar a natureza, o *pedigree*, daquela interrogação. Juntamente com este “de onde?”, e num esforço por explicitá-lo, veio-me também: com que *direito* se faz esta pergunta? Mas, perguntando pelo “direito”, eu de fato cismava o seguinte: encerra ela uma sincera, uma autêntica interrogação — ou será apenas um capricho intelectual? Em outros termos, e com a vênua da evocação a Nietzsche: é ela pergunta de “Insensato” ou de “Último Homem”? Isto é pergunta de tensão ou de cansaço? É uma inquietação ou um enfado? Um grito ou um bocejo?!

É desde este conjunto de interrogações que vou abordar a pergunta que me foi formulada. Abordá-la desde tais interrogações significa: elucidar o conjunto de perguntas que me fiz provocado por aquela que me foi feita e isso no intuito, com a preocupação de respondê-la.

Começo dando uma indicação a respeito do que entendo por uma pergunta sincera, responsável, em contraposição a uma pergunta retórica, fortuita, ou como disse acima, um mero capricho intelectual.

Faz parte da saúde e da *higiene* do espírito exigir que toda pergunta esteja apontando para um autêntico problema, isto é, que ela encerre uma real interrogação; e uma real interrogação, para sê-lo, precisa trazer à tona a clareza do escuro, a nitidez da sombra. Isso é sempre uma conquista e a culminação, para não dizer coroação, de um percurso ou de uma caminhada própria, i.é, responsável. Sem

este próprio e responsável do percurso de uma busca, a pergunta não trará nenhuma interrogação, i.é, ela não será nenhuma pergunta, pois assim só se estará fingindo que se pergunta, estar-se-á “brincando” de perguntar, possivelmente para distrair o tédio, o enfado. Será um problema artificial, uma questão vitalmente falsa, pois não é realmente minha, uma vez que não a fiz, não a conquistei e, então, não dei a ela a possibilidade e o direito de me tornar como questão e mesmo como aporia. A isso chamei de capricho intelectual — esnobismo ou “charme” do burguesismo acadêmico. E, há que se dizer, no universo do “espírito”, da cultura, há uma infinidade de problemas, talvez quase todos — sim, em princípio todos — que são assim falsos, porque não são realmente meus por direito de conquista, mas “dizem” que são e que precisam ser meus. Isso constitui-se questão aberta por excelência — antes de ser uma pergunta é um trejeito, um vezo, um tique, pois é o hábito de uma idiosincrasia erudita, o cacoete de um atavismo cultural.

Disse acima que, em princípio, *todos* os problemas que compõe o universo da cultura têm esta característica — mais: este estigma. E assim é porque são problemas herdados, transmitidos e o nosso “espontâneo” ou “natural” modo de herdar e também de transmitir é sob o modo próprio da falsidade, da inautenticidade vital. “Naturalmente”, “espontaneamente” herdamos problemas que, na verdade, jamais foram nossos, perguntas nas quais jamais ressoam uma real interrogação nossa, mas que, na melhor das hipóteses, foram problemas reais ou autênticas perguntas, digamos, de nossos antepassados remotos ou imediatos, que as tinham de fato acesas, pulsantes, talvez como feridas abertas no corpo de uma existência exposta ao enigma dela mesma. Hoje, sem ter percorrido e perfeito o percurso da interrogação, isto é, sem tê-la co-feito e, então, sem tê-la como minha perfeição, hoje, assim, faço tais problemas ou tais perguntas as minhas perguntas e os meus problemas, isto é “finjo” que fazem parte real do meu drama vital, da minha inquietação de vida ou de existência — “finjo” o drama, “finjo” a inquietação, “finjo” o problema, “finjo” a pergunta e, assim, levo desde eles e com eles uma vida fingida, o que vale dizer: uma existência hipócrita. E isso porque vida não é nada feito, nada feito coisa ou coisificado — mas, sim, vida, viver é fazer vida; *fazer desde si próprio*. Não fiz de verdade, realmente, os problemas que digo que são meus, mas faço-os fingidamente meus porque “dizem” que são meus, porque “dizem” que são problemas reais, perguntas ressoantes de autênticas interrogações. E *quem* diz?... Dizem... Diz-se... Falam... Fala-se...!

E nisso, sem dúvida, está a filosofia, i.é, os problemas que constituem isso que se denomina filosofia — pois, não é verdade que a filosofia é uma manifestação do espírito e da cultura, um “valor”

um “produto cultural”?! Quem contestará isso?! Não é o que *se diz*?! E *quem diz*? Ora, diz-se! Dizem...!

Mas: será a filosofia realmente uma “manifestação da cultura”, um “valor”, um “produto cultural”? Ou será que isso já pertence ao domínio da farsa, do “tíque”? Será isso uma verdade, ou um cacoeite, um trejeito? Quando dizemos que filosofia é um “valor”, um “produto cultural”, subdizemos que ela está aí, que ela é algo, do qual eu possa me servir, usar; subdigo, então, que ela é algo que me é dado para que eu dela me sirva, assim como a “cultura” me dá a aspirina, a coca-cola, o automóvel, o sapato e também, por que não!, a teoria da relatividade, o princípio sujeito-objeto. E, assim, vem-se para a universidade com a mesma expectativa com que se vai ao supermercado. Com a mesma expectativa quer dizer: com as mesmas exigências, reclamações, reivindicações. E se isso for uma visceral falsificação da questão? E se, com isso, estou querendo o que, com fundamento *in re*, não posso querer? E se, com isso, digo que “deve ser” o que, com fundamento *in re*, *não pode ser*? Isso, i. é, querer assim, é o princípio da imprudência, da insensatez, enfim, da estupidez, dizia com precisão Aristóteles. Formulado nos moldes da razão tupiniquim: Estarei assim sempre já contando com o leite que a vaca nunca deu, que nunca dará... Filosofia será isso? Que é realmente filosofia?

Uma tradição dogmaticamente herdada, falsa ou inautenticamente transmitida e herdada, passa a ter a força, o poder esvaziador e despersonalizante deste “dizem”, “falam”— a gente diz, porque dizem; a gente faz, porque fazem; a gente pergunta isso, porque perguntam isso... Neste “dizem” está-se escancarando e, ao mesmo tempo, escamoteando o império da “coisa”, da “coisa-em-si”, da “coisificação”. E, repitamos: na vida, sob pena de sua degeneração e extinção, nada pode ser dado feito, nada pode insistir e persistir feito coisa ou coisificado e isso porque vida não é “coisa”, porque vida é mesmo o contrário da “coisa”, i. é, vida é, precisa ser sempre conquista e re-conquista, fazer e re-fazer; insistente volta, retorno, repetição. Subjacente à ideologia do progresso está a ideologia da “coisa”, da “coisificação”. Que vida não seja coisa, quer dizer: a compreensão ou a pré-compreensão subjacente à positivação da “coisa”, da “coisificação”, não é adequada, não convém à estrutura, melhor, à dinâmica de vida. Em suma: é falsa e errada. Mas deixemos isso suspenso por enquanto.

2. Tecemos algumas considerações preliminares. Agora, de posse delas e a partir delas, vamos trazer de novo à baila, à liça, a pergunta que nos preocupa e assim nos norteia: tem sentido filosofia hoje, no século XX? E voltemos também a perguntar: de onde vem esta pergunta? É ela uma pergunta sincera ou uma pergunta fingida? Para melhor fazer repercutir a interrogação destas duas últimas

perguntas, pode-se assim interrogar: tal pergunta nasce de uma real preocupação filosófica ou de uma preocupação estranha à filosofia? Se ela nasce de uma real preocupação filosófica, é preciso que a própria filosofia esteja nela radicalmente em questão. E, para tanto, é preciso que saiba que quem a põe “saiba” realmente o que é filosofia. E: o que é filosofia?... Se ela, porém, nasce de uma preocupação estranha à filosofia — então cabe perguntar: que preocupação poderia ser esta? A pergunta é decisiva, pois só a partir da elucidação da natureza desta possível outra preocupação poderei entender a real natureza desta pergunta, que assim me é dirigida: tem sentido filosofia hoje, no século XX?

Mas, ao levantar esta segunda hipótese, parece que estou subestimando a pergunta, pois ela traz em si a suposição clara de que quem a faz “sabe” o que é filosofia. Não houvesse esta suposição, a pergunta não se faria. Pelo menos, a pergunta o subdiz, sabe-se o que filosofia foi “ontem” e a questão é o “hoje”, que parece recusar-se a dar sentido, i.é, orientação e determinação, à continuidade disso que “ontem” indiscutivelmente foi. Porém, menos do que subestimação, a segunda hipótese levantada refere-se mais a uma desconfiança, a uma suspeita de tratar-se de outro interesse, a partir do qual filosofia, eterna Dulcinéia, aparece disfarçada ou dissimuladamente. Então, na pergunta: “Tem sentido filosofia hoje, no século XX?” o termo “filosofia” não falaria de filosofia filosoficamente... Mas, eu me pergunto ainda: e o que me leva a esta desconfiança, a esta suspeita? Eu mesmo! Nós mesmos! Isto é, o tempo que sou, o “hoje” que somos, o século XX que reclama, pela voz da pergunta, um sentido para isso que ele chama “filosofia”. A verdade, no entanto, é que o que o século XX reclama, o que o “hoje” reivindica é o que “a gente fala”, o “que a gente diz”, o que “dizem”. E o que é que *se diz*? O que é que *se diz* que dizem?

Em tudo que fala o século XX subfala *função e instrumento*. Em toda fala do século XX está subfalado o funcionalismo e o instrumentalismo — modalidades, tergiversações do pragmatismo, do utilitarismo (abra-se este parêntese, para que no recinto de sua descrição se diga: a veleidade, melhor: a substância gringa, presente em tudo que lá *se faz, se diz*...). É por isso, pois, que *se fala, que se diz, que “dizem”* em dizendo tudo quanto dizem. E esse “dizem” é a vigência do coletivo, do social. E a vigência do coletivo, do social, é a dominação, i.é, a positivação da massa. Dominação e positivação falam da unidimensionalidade, ou seja, do absolutismo da ótica, do interesse, da perspectiva. O século XX, sobretudo o século XX, é o domínio do coletivo, do social — da massa. Massa é, por definição, o indefinido, o a-morfo. Na massa domina a estupidez, a sandice. Isso não é, como a uma idiosincrasia racionalista poderia parecer, uma depreciação. É a constatação de um fato. Com isso se diz que a estupidez

é *constitutiva*, i. é, essencial, do homem pois o homem é constitutivamente social, político. O fato é que o homem usa e abusa desse direito de constituição sobretudo no domínio do social, do coletivo, pois este é privilegiadamente o domínio do estúpido e do falso, enquanto o coletivo ou o social se fazem como o elemento e o agente do “a gente”, do “diz-se” e “dizem”. A burrice, a estupidez coletiva, é um eminente tema que requer uma inteligência lúcida para abordá-lo e desvendá-lo. A inteligência, p. ex., do cientista social e político deveria ser “adestrada” e apontada para este “métier” *enquanto tal*, isto é, sem que, movido por idiosincrasias e atavismos racionalistas e autocomiserantes, dele se desviasse com abjeção e repulsa. Querer fazer, como hoje se quer, do social não só algo inteligente, mas “muito” inteligente, “muito” sábio — isso é sem dúvida, idiosincrasia racionalista e piedade (*ergo*) autocomiseração com o “animal racional”. Nisso está faltando inocência, coração limpo para com a burrice e o não-saber.

Foi dito que “hoje” o funcionalismo e o instrumentalismo imperam. Insigne e decisivo tema para o pensamento é a origem disso — do nosso destino, pois. Mas vamos deixar tal questão de lado, e partir do fato de que isso impera, e ver como filosofia passa a “funcionar” quando articulada ou apropriada nas malhas desse império. Em tal império, isto que se denomina instrumentalismo e funcionalismo, passa a ser o sentido, i.é, a orientação, e, assim o alfa e o ômega, a “arché” e o “télos” — arqueologia e teleologia. Sendo assim, a pergunta “tem sentido filosofia hoje, no século XX?” passa a precisar ser ouvida desde o seu real subdizer como: Filosofia *funciona* hoje? Filosofia, hoje, *instrumentaliza-se*? É claro que é só por condescendência, por cortesia, que o “hoje” permanece na pergunta, pois, visto que o que impera é a unidimensionalidade da ótica, do interesse funcional-instrumentalista, que é cego para sua própria perspectiva ou, em outros termos, que não pode ver o próprio olho com o qual vê — assim, crê-se que “o nosso sentido hoje” é, na verdade, o absoluto, o único de sempre. Na realidade, este “hoje” está subfalando “ontem” e “antes de ontem” e, então, absolutamente. A pergunta então soa assim: filosofia funciona, instrumentaliza-se de fato e absolutamente? Mas aí eu preciso perguntar: funciona — *para quê?* instrumentaliza-se — *para quê?* Pois o “para quê?” é a estrutura da funcionalidade e da instrumentalização. O horizonte, a ótica, o interesse, a perspectiva, enfim, o sentido respondem: para nós, para “a gente”, i.é, para o social, para o coletivo! Poder-se-ia ainda dizer e diz-se: para o homem, para a humanidade! No “hoje” agoríssimo a palavra de ordem, a voz de comando, ou seja, a beatice ou a burrice coletiva, é: para o povo, para a comunidade! Isso faz parte da demagogia do politicismo integral que hoje grassa e no qual somos e vivemos. É como politicismo integral que o povo e massa hoje dominam — o “a gente” domina.

Mas tais palavras de ordem, tais vozes de comando, soam de modo elevado, desprendido, filantrópico, altruísta, engajado, participativo, solidário — valores “positivos” para nós, para “a gente”... Sem dúvida, uma opção filosófica pelos pobres, oprimidos e desvalidos. “Opção” está dizendo a ótica, que é função e instrumento... No entanto, nós, homens do século XX, homens-massa, somos, por isso mesmo, mestres em dissimular ou escamotear cinismo e hipocrisia com palavras douradas e altissonantes. Por isso, em falando o que se fala e se diz, estamos, na verdade, empenhados no soturno ofício de roer e corroer, de solapar e destruir. Sim, é assim, com este discurso e propósito, que se é verme roedor e cabe aqui lembrar o que, certo dia, certo verme “longo e gordo” disse a “Dom Casmurro”: “Meu senhor, nós não sabemos absolutamente nada do que roemos, nem escolhemos o que roemos, nem amamos ou detestamos o que roemos: nós romos!”

Mas, por que e como o verme funcionalismo e instrumentalismo é este voraz roedor? O que ele rói, corrói, solapa e aniquila? Resposta: o homem, a vida. Por quê? Como?

3. Segundo o esquema — melhor, segundo “o sentido” funcional-instrumentalista do “hoje” que é o nosso, filosofia deve servir ou funcionar par nós, para “a gente” — i.é, para a comunidade ou a sociedade. Que ela deva funcionar *para isso* significa que ela deve instrumentalizar-se *como* mecanismo de transformação sociopolítica ou, de modo geral, cultural. É verdade que nesse esquema funcional-instrumentalista cresce e se faz também a máquina. Filosofia, assim, é máquina de transformação ou de produção cultural. Para dizer isso, porém, diz-se que filosofia deve ser “meio” de revolução. Em suma: filosofia deve ser prática revolucionária (social-cultural, sócio-político-econômica). Mais uma vez, o ideal parece elevado, nobre — mas isso é um cochilo, uma vesgueada.

Querendo-se assim a filosofia, o que se quer é que ela dê parâmetros, linhas de conduta e fórmulas que sirvam para transformar, para “melhorar” a sociedade, a vida, o homem. Dito de outro modo: o que se quer ao se querer que a filosofia assim “revolucione” é que ela ofereça práticas certas, seguras e justas no processo de transformação sociopolítica, que é a que fica reduzido o horizonte vital ou a realidade quando domina a massa, o social. Acima foi dito que isso é um cochilo. Por cochilo entende-se um desvio e esse desvio é o próprio erro. E por que é isso errado? Porque é negligente, fútil, leviano — ou, respondendo à pergunta segundo a medida dela mesma, porque isso é inadequado à natureza da questão; porque não corresponde ao modo de ser disso que é a filosofia e isso porque, antes, já é inadequação ou desvio do modo de ser próprio da própria vida. Na verdade, esta afoita reclamação por prática, por

“práxis”, está desentendendo fundamental e essencialmente a própria prática, a “práxis” mesma, i.é, a estrutura ou a dinâmica de ação ou de fazer, a qual perfaz essencialmente o movimento vida. Mas, expliquemos.

Reivindicando, como já foi de algum modo mencionado, a função-instrumentalização da filosofia como prática social-revolucionária está-se sempre subpensando, i.é, crendo, que filosofia é uma *coisa*, que ela é ou tem a estrutura de “coisa” e, por isso, é coisificada. Naturalmente, por uma idiossincrasia de repulsa, não se diz “coisa”, mas o que é o mesmo, porém de modo esquivo e sub-reptício, diz-se: um valor ou produto cultural, está aí à minha disposição para o uso. Ela constitui-se em algo existente aí, posto, já pronto e acabado. É um fato a que, de acordo com a premência da situação, recorro com a mesma presteza, p. ex., seja à teoria da relatividade, seja ao esquema metafísico-transcendental sujeito-objeto, seja à camisa, à caixa de fósforo ou ao papel. Nesse sentido, teoria da relatividade e de sujeito-objeto têm a mesma estruturação de camisa, de caixa de fósforos, de papel: coisa aí posta, feita, à disposição de uso e de manipulação. A todas estas “coisas” posso recorrer segundo a necessidade ou premência e destas “coisas” posso me apropriar e me servir, tal como um algo ou um instrumento qualquer, assim como, p. ex., o lápis que encontro já pronto, feito e acabado, sobre a mesa e que, dele me apropriando e me servindo, o uso, ou para escrever, ou para socar fumo no cachimbo, ou para “pescar” o molho de chaves teimosamente caído no fundo da gaveta.

O esquema que subliminarmente está operando é o do óbvio do bom senso que, segundo sua reta razão, assim subpensa ou crê: ora, se eu, p. ex., tenho dor de cabeça ou de dentes, vou até o armário, pego o vidro de comprimidos e tomo um; ora, a sociedade, “nossa vida”, está doente, ela vai mal (e isso parece ser o fato dos fatos) — *ergo* deve haver também para este caso um armário com um vidro de comprimidos próprios ou *ad hoc* — pelo menos um anestésico. Se o da dor de cabeça está pronto, embalado e à venda, à disposição — como não estaria também o da sociedade, o da “nossa vida”? E porque, p. ex., não seria ele a filosofia, este produto cultural que fala e que, assim, dá a medida e o “valor” do “bem”, do “bom”, da “verdade”, e do que “deve ser”? Para uma má sociedade nada melhor do que “tomar” uma boa filosofia!

Esta lógica é a burguês-fidalga do Sr. Jourdain ou, se se quer, a humanitarista e simplório-simplista saída do Cafarnaum do Sr. Homais...

E tal postura ou tal atitude, que gera tal tipo de exigência, é emergente do *hábito* no qual estamos, ou seja, a pré-compreensão de realidade em que estamos e que somos. E tal hábito ou tal pré-

-compreensão ditam e impõem que tudo, toda realidade possível, *já é sempre coisa*, i.é, se estrutura e se organiza como “coisa”. É este o hábito da coisificação sistemática ou da “coisa” como sistema. E: qual é a estrutura da coisa ou da coisificação? Qual é o sistema-coisa? Desde onde cresce tanto a lógica leviana ou burguês-fidalga do Sr. Jourdain como a humanitarista e não menos leviana do Sr. Homais? Resposta: desde a falsidade vital, desde a irresponsabilidade e a despersonalização no “a gente”, no “faz-se” e “diz-se”. Mas esta perspectiva, esta ótica, é a do *de fora* — de fora da ação, de fora do fazer, no des-inter-esse da questão ou da “coisa” mesma! A perspectiva da “coisa” e da coisificação é a perspectiva do *de fora*. E de fora mesmo é sempre o *sujeito*, o “subiectum”, a substância. A “coisa” é o *sujeito*. Então, perguntaria alguém perplexo, essa fala de revolução, essa litania de filosofia como prática social-revolucionária — isso é fala e litania de sujeito?! Mas, coisa e coisificação, vistas desde o real interesse de vida respectivamente de ação, e constituindo-se aquelas no sujeito, constituem-se elas também no caduco, no decadente enquanto tal. Então, continua nosso imaginário interlocutor, tal fala é caduca, decadente, isto é, essencialmente reacionária?! Sim! Visto desde o real interesse de vida, desde o real interesse da ação que é o fazer-se de vida, o sujeito, a substância — um humor voltairiano coage-nos a dizer “c’est l’infamme”. E, assim sendo, continua ditando-nos o humor voltairiano, “faut’il écraser l’infamme”? Sim! Mas expliquemos melhor este “de fora” que é o sujeito.

4. Digo: a mão pega a caneta — ou o pincel, ou o isqueiro. Essa estrutura de frase, que é a forma S é P, é a forma-fórmula de explicitação de nossa relação com realidade e, assim, ela encerra a estrutura da realidade em que se está. Em outros termos: ela diz a realidade do real ou o princípio de realização de realidade nela contido, a saber, o sujeito. Mas dizendo, p. ex., “a mão pega a caneta” já pus a mão *fora* do pegar, i.é, *fora da ação*. Esse pôr fora, que já vai por antecipação na estrutura desse dizer enunciativo ou proposicional (S é P), é a coisificação, a substancialização ou a “subjetivação” — a mão é o sujeito, o pegar é o predicado; a mão é o agente ou o ator-autor, o pegar é a ação-resultado-efeito. Ao fazer isso, penso, imagino, *creio* que não existe *antes* do pegar, da ação, e, então, por extensão, que ela e tudo que é na forma dela, a saber, sujeito, *pré-existe antes de toda e qualquer ação* como a causa, o responsável pela ação do pegar ou não pegar. Ela já há, na minha crença sedimentada, sempre em si e por-si antes de todo e qualquer fazer, de toda e qualquer ação, i.é, ela sub-está, é “subiectum” ou sujeito.

Bem, aí está o erro. Só há, só pode haver mão *no* agarrar, *no* pegar, ou seja, agarrando, pegando — mão é verbo e não substantivo. E é gerúndio, que deve dizer gênese. Isso e só isso perfaz o aparecer, o

mostrar-se de mão, a sua realização, e mão se faz ou se realiza aparecendo e ela só aparece, só pode aparecer no seu fazer, na sua ação, que é o único possível “fazer-se-mão”. Se penso mão separada de seus “efeitos”, de suas ações, então já neguei mão, i. é, já a esvaziei de sua essência ou de sua força, já a abstrai — enfim, já a aniquilei ou a nadifiquei. E eu aniquilo ou nadifico, p. ex., a mão, coisificando-a, tornando-a substância ou sujeito.

A questão parece ser elementar, um truísmo, porém difícil de ser visto, pois, para nós, o mais difícil é sair do hábito, do “tópos” ou do “tópico” em que estamos e somos: a coisa, a coisa-em-si, o sujeito ou substância. Por quê? Porque é difícil sair do vulgar, do senso comum, do “a gente” que, por conforto, pela comodidade do não precisar fazer e conquistar desde si ou por empenho e responsabilidade própria, i.é, na real ação ou no real e autêntico fazer, separa, cinde, corta ator de ação, sujeito de predicado. Melhor: é difícil sair da atitude que *já* cria, *já* inventa, pelo conforto ou pela comodidade burguesa do “já-feito” e do “já-pronto”, ator e ação, sujeito e predicado, onde o “e” diz um “mais” somativo e fica assim expresso: ator + ação, sujeito + predicado.

O esquema sujeito-substância (coisa-coisificação), que é o sujeito X objeto e o S é P, é tão astucioso, tão engenhoso, tão insidioso nos seus artifícios que, de um modo ou de outro, ao me dar conta, constato que sempre já caí nele e nele estou enredado, sendo, assim, por ele determinado, comandado. Esforço-me, p. ex., por pensar ação, o fazer, como dinâmica seja de força, de interesse ou de “poética” e digo: força, interesse, “poética” atua, age, faz. Quando digo isso já coisifiquei, já substancializei força, ou interesse, ou “poética”. Isto é, já inventei o ator-autor *separado* da ação-efeito. Se, com relação à poesia, p. ex., penso força como poesia, interesse como poética da poesia e se, em continuação, afirmo: a força (i. é, a poesia) age (i.é. poetiza), imagino então poesia (força) como algo pré-existente, i.é, subjacente, ao verso, ao poetar-poetado. É isso, mais uma vez, o erro; é isso a sedução da queda, que é o conforto do desvio, ou seja, a sedução de desincompatibilizar-me da tarefa do fazer como tarefa de insistente conquista e reconquista. Enfim, desincompatibilizo-me de vida como tarefa, como lida consigo própria de fazer-se e refazer-se. Este re-fazer é um re-tomar, um repetir, que porém não o é de “coisa” nenhuma, mas de possibilidade — da só possibilidade e então necessidade que é, p. ex., minha vida.

Mas, não percamos o rumo e, para tanto, retifiquemos mais uma vez a rota. O que até aqui se disse, o foi no intuito de responder à pergunta: “Tem sentido Filosofia hoje, no século XX?” Reconsideremo-la brevemente à luz do que foi exposto, para daí arrancar nossa resposta.

Vimos que o “hoje” que reclama sentido para a filosofia se determina como funcionalismo e instrumentalismo. O “ismo”, designativo de doutrina, diz a dominação da função e do instrumento como a dimensão ou como unidimensionalidade. A partir disso, viu-se que a pergunta, para falar seu real discurso, precisava ser assim formulada: Filosofia funciona — para “nós”, para a “sociedade”? Filosofia instrumentaliza-se — para e como prática social revolucionária? Mas, porque função e instrumento respectivamente também o social ou o coletivo já são, cada qual, sujeito, o que se verifica é que, perguntando desse modo, eu já substancializei, já coisifiquei, i.é, também já fiz da filosofia um sujeito ou substrato, no mesmo esquema ou na mesma estrutura do enunciado “a mão pega”, “a mão faz”, “a mão age”.

A verdade, porém, é que em tal esquema substancial-sujeito, que é o “de fora”, a filosofia se mostrará sempre *ineficiente*, i.é, não funcional, in-instrumentalizável. O problema é que este esquema, de saída, ou seja, *a priori*, separa, corta, retalha, isola tudo: a filosofia (um sujeito), eu, que faço filosofia (outro sujeito), a “realidade” (também uma outra “coisa” do sujeito). Querendo-se que funcione e se instrumentalize, o que se quer é atuar sobre, mudar, “melhorar”, transformar. Para tanto é preciso atingir o que se quer transformar. E: como atingir o “fora” do sujeito que, por ser assim separado e já tornado também um outro sujeito, insiste em ser impermeável a tudo que é sujeito ou a toda “sujeitidade”? É este o dilema ou a aporia da modernidade que, numa direção de pretensa radicalização, e que na verdade só evidencia a aporia, se tornou o problema da “ponte”, i. é, a teoria do conhecimento...

“Na prática”, em nosso dia-a-dia intelectual-acadêmico com a filosofia, como é que este esquema opera? Como é que ele se realiza e se promove? Na estrutura do “de fora”, viu-se também, não há interrogação sincera, real problema, mas finge-se a pergunta, finge-se o problema. Por isso, quem está de fora, mesmo munido do pretense olhar crítico ou não-dogmático, apodera-se da fala dos pensadores, apropria-se disso que lhe parece ser o “ápice” ou o limite dos pensadores, dos seus possíveis “pontos de chegada”, e isso sem ter feito nenhum percurso, sem ter co-perguntado a pergunta e sem ter co-perfeito o caminho ou o percurso que é toda real ou sincera interrogação. Disso e assim se apropria, aí se instala e toma tais “picos” como possíveis respostas a perguntas por ele fingidamente perguntadas, como soluções possíveis para problemas falsa ou pseudamente postos, enfim, como possíveis, viáveis soluções a aplicar à realidade — este “aplicar à realidade” já diz toda a distância e marginalidade que se tem disso mesmo que se está chamando de “realidade”. O tipo “de fora” costuma ser um tipo de doutrinas e de princípios doutrinários — e note-se que a crítica pela crítica, o criticismo (que também é típico desses tipos),

é uma doutrina, um princípio doutrinário dogmático como qualquer dogmática. Mas, retomando, nesse esquema do “de fora”, fica-se com muitas respostas, com muitas, com um enxame de doutrinas filosóficas, isto é, muitas “coisas”, muitos “sujeitos teóricos” — enfim, muitas, uma multidão, um enxame de filosofias. Na floresta deste entrançado de “coisas filosóficas”, tal tipo se verá naquela desconcertante e cômica situação do historiador da filosofia, causticamente imaginado por Hegel, que, por estar ou ser “de fora” disse mesmo que ele se propõe historiar, vê então tantas filosofias, que por fim exclama perplexo, sem sequer entrever o seu ridículo: “São tantas árvores que não se pode ver a floresta! Tantas filosofias que não se pode ver a filosofia!” Sim, as árvores escondem a floresta! As filosofias escondem a filosofia! Mas, de fato, quem vê uma árvore + uma árvore + uma árvore “ad infinitum” (+ um sujeito + um sujeito + um sujeito...) jamais verá a floresta, pois floresta, tal como filosofia e tal como tudo que é vital e existencial, não é conceito somativo (o “conceito” mesmo e principalmente não é nada somativo!) — não é este o caminho nem de unidade tampouco de sentido, pois sentido é unidade na multiplicidade.

Mas o nosso herói, indiferente ou apático à radicalidade das questões fundamentais, no meio ou de posse de tantas filosofias e movido pela coação da função e do instrumento, procura escolher *uma* que seja mais adequada, mais conveniente, e, de algum modo, tenta aplicá-la à realidade, i.é, ao “a gente”, ao social, ao coletivo — à “nossa vida concreta”, dizem! Estranhamente, ele constata, ela não funciona. Mas isso não tem importância! *Essa* não funciona, mas outra deve funcionar! Cuidadosa, criteriosamente, pois ele também precisa fingir critério e cuidado, experimenta outra, dando continuidade à sua alquimia. Surpreende-se pelo fato de que esta outra se mostra a *mesma*, igualzinha à primeira, i.é, também ineficaz, ineficiente. Com a tenacidade do espírito empreendedor e “pesquisador” do Sr. Homais, afunda-se no seu Cafarnaum e parte meticulosamente para uma terceira. Idem! E uma quarta. Ibidem! E assim sucessivamente, de modo que na insistência, na teimosia ou na obstinação da filosofia, melhor, das filosofias em se mostrarem avessas e revessas à aplicação, à eficiência, isto é, à ação e transformação “de fora”, “sujetiva”, ele acaba, primeiro, por “amolecer o ânimo”, depois então por “desencantar-se” ou “desiludir-se” ainda mais até que, por fim, Ufa! Nenhuma se aplica! Nenhuma funciona! Inútil! Em vão! Não, não tem *sentido*! E o que era denodo, participação, valente engajamento, arrebatada prática revolucionária, acaba, por um golpe da magia dos extremos, num grande cansaço, num grande enfado, num grande bocejo! Desse brejo brota forte e viçosa a flor amarelo-pálida do tédio (é verdade que daí também pode sair a vermelho-rútila da ira e do insulto, de novo numa reviravolta da magia dos extremos). “Não, filosofia não tem *sentido*!” Suposto que

isso seja suspiro do tédio, uma leve, sutil mudança na modulação do bocejo, e a exclamação vira uma pergunta — uma suspirosa entonação do tédio. Foi entre e antevendo isso, essa dinâmica do “de fora”, que perguntei no início se a pergunta não seria de cansaço, de enfado — um bocejo, antes que um grito ou uma real interrogação.

Esse tédio, como todo tédio, é uma grande, uma total indiferença, uma absoluta apatia. Na verdade, é o desgosto, o amuo, a amofinação do não fazer, do *não-poder* fazer mais nada, e isso porque falta tudo, porque falta a disposição para fazer ou a real afeição (*pathos*) do fazer (essa observação vale igualmente para o possível fenômeno, acima mencionado, da ira), que é a, digamos, *de dentro, desde dentro — o interesse*. Não há aí nenhum autêntico interesse filosófico e isso porque não há nenhum interesse de vida, pois tudo já aparece feito, coisificado — “valor”, “produto cultural”. E coisificação, “sujeito”, é a negação de vida. O sujeito, a coisa-em-si, a substância — sim, “c’est l’infamme!”

“Tem sentido Filosofia hoje, no século XX?” Desde a ótica funcional-instrumental, que é a do “hoje” respectivamente a do século XX, e que, de fato se concretiza como a ótica do coletivo, do social, do “povo”, enfim, da massa — desde esta ótica há que se responder incisiva e intransigentemente: NÃO! Isto é, assim ou desde tal solo, filosofia não “tem” sentido e isso não é só “hoje”, mas absolutamente jamais teve, não tem e jamais terá, pois este “hoje” que reclama sentido desde a uni-dimensionalidade de sua in-essencialidade relativa à questão não é o “hoje”, isto é, o sempre, da filosofia, porque não perfaz e cofaz a sua essência, a sua determinação, a sua força — enfim, não participa do real interesse filosófico. Isso não é coisa de filósofo, de pensador...

Porém, tal como já ficou insinuado, quanto à dimensão existencial-vital da filosofia há que se responder: ela hoje, tal como desde que o Ocidente é Ocidente, não só “tem” sentido, como, muito mais, ela é sentido. Mas como? O que é esta dimensão existencial-vital? Explicar, desdobrar, expor isso já coincide com a tarefa de responder à segunda questão que foi formulada — a pergunta pelo método. Ao se falar, como se falou, de “real fazer”, de “real atividade”, de “real interesse”, de fazer “desde dentro” — tudo isso já é fala de método, pois método é, precisa ser ação *interessada*, expressão que, em última instância, encerra uma redundância, um pleonasma, tal como todas as de cima acentuadas ou decalcadas com a adjetivação “real”. (*A seguir*)

Endereço do autor:

Rua Duarte da Silveira, 431

25665-470 — Petrópolis — RJ